


Últimas Notícias
Primeira Página
Política
Economia
Cidades
Polícia
Esportes
Brasil
Mundo
DC Ilustrado
Colunistas
Cuiabá Urgente
Editoriais
Artigos
E-Mail
Índice
Classificados
Edições Anteriores

Terça feira, 30 de dezembro de 2014

Edição nº 14078 21/12/2014

AGUA

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Use, mas não abuse

Alguns estados discutem cobrança de taxas extras e multas em casos de desperdício do líquido cada dia mais raro e caro

ALECY ALVES
Da Reportagem

O acesso aos recursos hídricos, que são as águas superficiais ou subterrâneas disponíveis para qualquer tipo de uso, pode se tornar mais difícil e caro a cada dia. Isso deve acontecer tanto com a água que chega às torneiras dos domicílios quanto com a que movimenta a agricultura, comércio e indústria.



A maneira como o poder público e a população lida com os recursos hídricos precisa mudar para evitar graves problemas no futuro

A discussão sobre a cobrança de taxas extras, uma espécie de compensação ao volume gasto, e de multas nos casos de

desperdício, já é uma realidade em São Paulo. Aqui, pelo menos oficialmente, esse debate ainda não existe, porém há quem defenda a instituição de novos encargos.

Quem são esses defensores? São, principalmente, pesquisadores com conhecimento amplo sobre quantidade e qualidade dos recursos hídricos mato-grossenses. E, claro, dos problemas decorrentes do uso descomedido de água.

Com mestrado e doutorado em microbiologia, o professor-pesquisador da UFMT, Eduardo Moraes, disse que é favorável desde que haja garantia de que os valores arrecadados sejam aplicados na preservação dos mananciais.

Hoje, os consumidores pagam pelo tratamento, o processo que torna a água potável, e pela distribuição às moradias, não pelo uso. Ninguém paga pelo que é retirado dos rios, explica o pesquisador.

“Seria uma compensação por usufruirmos de um bem cujo uso o afeta em qualidade e quantidade”, observa. Em Mato Grosso, avalia Eduardo Moraes, a questão não é a quantidade, mas a qualidade da água. A poluição dos mananciais torna alto o custo da transformação em água potável.

Atualmente, Eduardo Moraes integra um grande grupo de pesquisa que estuda a quantidade e fontes poluidoras dos rios Cuiabá, Coxipó e córregos urbanos, com coletas em Rosário Oeste, Passagem da Conceição (Várzea Grande), Santo Antonio de Leverger e Porto Cercado (Pantanal). Além da UFMT, essa ação envolve pesquisadores UNB (Universidade Federal de Brasília) e UFGO (Federal de Goiás).

Graduada em Química e doutora em Educação, Elane Chaveiro Soares, também professora-pesquisadora da UFMT, diz que falta conhecimento real sobre a disponibilidade da água potável. Ela também defende a cobrança, mas entende que antes disso é necessário mapear os recursos hídricos, organizar o sistema de distribuição e somente depois cobrar pelo uso.

Elane é uma das coordenadoras da Rede de Estudos e Colaboração para Inclusão Social e Desenvolvimento da Cultura Científica, dentro do programa Novos Talentos, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Essa rede envolve professores e estudantes de oito escolas públicas estaduais em Cuiabá, Várzea Grande e Nobres.

Últimas

- 21:32** Aprovada LOA e aumento de salários
- 21:27** Emanuel Pinheiro assume sua candidatura à mesa diretora
- 21:26** Aprovada reestruturação do MT-Prev
- 21:22** Dilma confirma saída de Neri Geller
- 20:47** Henry tem pedido de mudança de regime negado pelo STF

Goji Pro Original

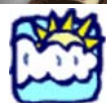
20% De Desconto e Frete Grátis. 100% Satisfação Garantida!



- 20:47** STF acata pedido e proíbe indicação
- 20:46** Botelho admite gravação em que dispara contra Taques
- 20:45** Silval diz que números são irrealis
- 20:45** Mendes anuncia reforma administrativa
- 20:31** Além dos caminhões, bando também roubou óleo diesel

Tempo

Cuiabá
Min: 18°
Max: 36°



Pesquisa

Busca Google

Sob a coordenação dos pesquisadores da universidade, cada escola desenvolve um projeto em sua região. Os alunos têm aula de química conhecendo, fotografando e mapeando nascentes, rios e córregos e os pontos poluidores. Também estudam e debatem, por exemplo, como determinado lixo afeta o meio ambiente e, conseqüentemente, o fluxo de água do seu entorno.

A maneira como os poderes públicos e a população lida com os recursos hídricos, avalia a professora Elane, está escondida, encoberta por concreto. Ela faz referência aos córregos que escondem a poluição porque foram transformados em vias ou cobertos por causa do incômodo odor que exalam. "Estamos transferindo o problema para gerações futuras", completa.

Ela também reclama da falta de sensibilidade dos poderes públicos, cujas iniciativas e decisões são contraditórias. Além de não consultar quem conhece do assunto, as academias, adotam medidas com interesses políticos e ou econômicos. Decisões judiciais, como a que reduz a área de um parque ambiental, ou que permite e legaliza construções de condomínio em área de preservação, foram citadas como exemplo.



[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Comentários [Deixe aqui sua opinião sobre esse assunto](#)



[TOPO](#) | [PRIMEIRA PÁGINA](#) | [ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#) | [POLÍTICA](#) | [ECONOMIA](#) | [CIDADES](#) | [POLÍCIA](#) | [ESPORTES](#)
[BRASIL](#) | [MUNDO](#) | [DC ILUSTRADO](#) | [CUIABÁ URGENTE](#) | [EDITORIAIS](#) | [ARTIGOS](#) | [AZUL](#) | [TEVÉ](#) | [E-MAIL](#)

Diário de Cuiabá © 2012

Trinix